

ÁFRICA *IN LOCO*: ITINERÁRIOS DE PESQUISADORES DO CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS (1959-1972)¹

Luiza Nascimento dos REIS²

RESUMO: O Centro de Estudos Afro-Orientais foi fundado na Universidade da Bahia em 1959 com o objetivo de desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão. Seu primeiro diretor, o luso-brasileiro George Agostinho da Silva reuniu jovens pesquisadores baianos com disposição para enveredar nos temas africanos e afro-brasileiros. O objetivo de realizar pesquisas de campo no continente africano fez convergir pesquisadores com formações acadêmicas diversas. Waldir Freitas Oliveira, Vivaldo da Costa Lima, Yêda Pessoa de Castro, Guilherme Castro e Júlio Santana Braga destacaram-se nessa experiência pioneira de pesquisa em países da África ocidental numa década na qual houve o despertar do interesse pela história africana no Brasil e paulatina valorização das religiões afro-brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: África. Candomblé. Centro de Estudos Afro-Orientais. Intelectuais.

O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) e sua equipe de pesquisa

Vivaldo da Costa Lima, dentista. Waldir Freitas Oliveira, professor de geografia da educação básica. Yêda Pessoa de Castro, professora de letras da educação básica. Guilherme de Souza Castro, licenciado em letras, funcionário

¹ Este artigo é parte da tese: **De improvisados a eméritos**: trajetórias de intelectuais no Centro de Estudos Afro-Orientais (1959-1994), e contou com o financiamento da Capes através da concessão de bolsa de estudos.

² Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Recife – PE – Brasil. Professora do Departamento de História. nrluizaprof@gmail.com.

dos Correios e Telégrafos. Júlio Santana Braga, estudante e logo licenciado em filosofia. Esses diferentes profissionais foram reunidos nos anos iniciais de 1960 no Centro de Estudos Afro-Orientais. A pouca experiência nas diferentes especialidades não parecia empecilho para George Agostinho da Silva, fundador e primeiro diretor do CEAO (1959 -1961). Sua proposta de constituir um Centro de Estudos que promovesse uma religação acadêmica e cultural entre Brasil e África carecia de pessoas que dispusessem de interesse e ousadia. A ideia era investir nessa especialidade, estudos relativos à África, numa época ainda marcada por grande distanciamento da Universidade baiana em relação a esse tema.

O grupo restrito de professores que foi reunido no CEAO investiu em pesquisa acadêmica no continente africano numa década marcada por intensas transformações na Universidade Federal da Bahia bem como no cenário mais amplo da política e cultura nacional. Em termos profissionais, foi um período fundamental para que saíssem da condição de iniciantes, recém-graduados, e se tornassem professores universitários com todas as implicações que uma inserção desse porte requer.

Talvez todos os que responderam pelo CEAO, na condição de pesquisadores e gestores, ao longo de toda sua história, tinham em comum o desafio de desenvolver atividades acadêmicas, a partir da UFBA, em torno de duas palavras-chave: África e afrodescendentes. Contudo, o grupo inicial foi marcado pelo projeto de um Centro de Estudos delineado a partir da proposta de Agostinho da Silva e em meio a contextos vários como a descolonização e política internacional do Brasil, produção de conhecimento acadêmico sobre África e afrodescendentes no Brasil e em diversos países e instituições acadêmicas da África, Europa e Estados Unidos.

Na Bahia esses pesquisadores vivenciaram o surgimento e pujança da UFBA, primeiro como estudantes e depois como pesquisadores. Vivenciaram também as alterações da estrutura universitária, limitação de recursos, sucessão de reitores, alterações na política nacional e local, mudança na produção e política cultural negra. Adentraram em terreiros, fizeram viagens, produziram dados, textos, livros. Mas, sobretudo, o que marca esses intelectuais no CEAO é o interesse e expectativa que nutriam – ou foram levados a discutir – acerca do que haveria de africano na cultura soteropolitana. Dispuseram-se a argumentar e comprovar por que Salvador seria a mais africana do Brasil.

O CEAO começou a funcionar em setembro de 1959 nas dependências da reitoria da então Universidade da Bahia. Um mês antes, em agosto, Agostinho da Silva, filólogo português radicado no Brasil, esteve em Salvador participando do

IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros no qual pode conhecer qual a produção da universidade e verificar que havia interessados locais pelos estudos africanos.

A narrativa de Waldir Oliveira, em depoimentos e entrevistas que se referem à sua experiência no CEAO, não deixa de enfatizar o diálogo que manteve com Agostinho durante o Colóquio sobre a proposta de criação do Centro de Estudos na UFBA. Se Agostinho aproveitou a realização do evento para articular contatos, Oliveira certamente não foi o único a compartilhar das ideias do professor português naquela oportunidade. Mesmo tendo conversado com Agostinho em agosto de 1959, a presença efetiva de Oliveira nas dependências do CEAO se deu em 1961 quando foi liberado pela secretaria de educação do estado³. Em 20 de abril, assinou suas primeiras correspondências pelo CEAO como chefe do setor de informação e intercâmbio⁴. Naquele ano, Oliveira possuía formação em direito (1950) e em geografia/história (1955) ambas pela UFBA, e uma licença em geografia humana e econômica, pela faculdade de letras da Universidade de Strasbourg, na França (1959).

A maneira particular que Agostinho tinha de conversar e convencer as pessoas a adentrar no projeto articulado na UFBA é sempre destacada nos depoimentos. Com Oliveira, ele tomou o bonde no retorno para casa de modo a lhe explicar melhor a ideia que nutria (OLIVEIRA, 2004). Já em relação a Vivaldo da Costa Lima, seu depoimento enfatiza o extraordinário que constituía a proposta feita pelo professor português: viajar para a África em poucos dias. O dentista manteve conversa com Agostinho da Silva durante o Colóquio. Através da correspondência do CEAO, Agostinho divulgou a Costa Lima o primeiro curso de línguas, em outubro de 1959⁵. Em novembro, Costa Lima respondeu com um plano de trabalho para o Centro de Estudos⁶. Em dezembro, a proposta de viagem. Vivaldo foi em sua casa visitá-lo e recebeu o convite para embarcar em quinze dias.

Em 1959, Vivaldo da Costa Lima já havia concluído o curso de odontologia, se matriculado num curso de especialização em São Paulo, experimentado a profissão e desistido. Não ingressou em novo curso universitário. Optou por retornar a Salvador para estudos informais e vivência nos terreiros. Entrosado

³ Correspondência de Agostinho da Silva para Costa Lima, 25/03/1961. Acervo do Centro de Estudos Afro-Orientais, doravante, CEAO.

⁴ Correspondência de Waldir Oliveira para o diretor do Instituto Fundamental da África Negra no Senegal, 20/04/1961. CEAO.

⁵ Carta enviada por Agostinho da Silva a Vivaldo da Costa Lima, 27/10/1959. CEAO.

⁶ Carta enviada por Costa Lima a Agostinho da Silva, 11/1959. CEAO.

com professores da UFBA, participou de uma exposição em São Paulo a convite de Martim Gonçalves, diretor da Escola de Teatro, a expor objetos religiosos afro-brasileiros⁷. A oportunidade que o diretor do CEAO lhe dava com uma viagem de pesquisa à Nigéria vinha ao encontro de suas expectativas em torno do interesse acadêmico pelas “casas de santo” além de um lugar formal dentro da universidade. Costa Lima partiu nos últimos dias de dezembro rumo a cidade de Ibadan e conforme destacou, foi “o primeiro pesquisador” a se juntar ao CEAO e “primeiro professor da UFBA a ir pra África” (COSTA LIMA, 2004).

Yêda Pessoa de Castro chegou ao CEAO em 1961 junto com Guilherme de Souza Castro, então casados. Yêda havia sido aluna de Nelson Rossi, no Instituto de Fonética. Formada em letras anglo-germânicas (1958), ensinava língua portuguesa no Instituto Educacional Isaías Alves. Guilherme, por sua vez, tinha formação em letras e era funcionário dos Correios e Telégrafos. A correspondência do Centro de Estudos evidencia a cobrança de Agostinho da Silva para que Guilherme, com a aquiescência do presidente Jânio Quadros, fosse colocado à disposição do emprego, para “receber o treinamento necessário para o cargo a desempenhar na África”⁸. Ao secretário de Educação foi solicitada a licença de Yêda, em 12 de junho de 1961. Em meados daquele ano, ambos estavam disponíveis para o CEAO, mesmo que não soubessem exatamente quais funções desempenhariam na instituição⁹.

Esses foram quatro dos selecionados e acolhidos por Agostinho da Silva que ocupariam espaços de destaque no Centro de Estudos e para tanto são acadêmicos baianos que têm suas histórias atreladas à história da instituição. Júlio Santana Braga também chegou ao CEAO nos anos iniciais e tem sua trajetória acadêmica atrelada ao Centro. Estudante da Faculdade de Filosofia, Braga faz parte da história do Centro de Estudos desde 1962 quando passou a auxiliar a pesquisa desenvolvida por Costa Lima. Ao considerar essa diferente inserção institucional e temporal, inicialmente estudante enquanto os outros eram professores ou pesquisadores, Braga pode ser considerado nesta pesquisa como discípulo e, depois, um contemporâneo dos outros professores elencados uma vez que também enveredou na pesquisa e especialização dos temas alvo do Centro.

⁷ Carta enviada por Costa Lima a Agostinho da Silva, 11/1959. CEAO.

⁸ Correspondência de Agostinho da Silva para José Aparecido de Oliveira, secretário do presidente Quadros, 24/05/1961. CEAO.

⁹ Correspondência de Guilherme de Souza Castro a Agostinho da Silva, 02/08/1961. CEAO.

Dois outros professores foram igualmente recrutados pelo professor português e descreveram trajetórias diferenciadas: o professor de língua portuguesa da UFBA, Pedro Moacir Maia, e o professor de história do Colégio Central, Paulo Fernando de Moraes Farias. O primeiro aceitou o convite para ensinar língua portuguesa na Universidade de Dacar, em 1961, e acumulou a função de adido cultural à embaixada brasileira naquela cidade por uma década. O segundo enveredou pelos estudos africanos no CEAO e fez cursos, pesquisa de campo e deu aulas em países da costa ocidental africana. Por motivos diferentes, ambos passaram longos anos afastados do Brasil.

Na sede do CEAO, primeiro em salas do subsolo da reitoria, depois numa casa próxima no bairro Garcia, os setores de trabalho iam surgindo conforme os novos colaboradores. Primeiro o setor de informações sob a responsabilidade do jornalista Nelson de Araújo que publicou o *Boletim de Informações* do CEAO que incluía a coluna África e Ásia, com edições em português e inglês, em 1960 e 1961. Divulgar informações era proposta do CEAO. Climério Joaquim Ferreira, bibliotecário, assumiu esse setor em 1962 e passou a publicar um *Boletim Bibliográfico* com informações detalhadas acerca do material disponível para consulta. Com o grande número de livros e revistas especializados disponíveis, o CEAO criou uma biblioteca franqueada a interessados.

O setor de cursos ficou sob a responsabilidade de Marita Frank já que o Centro oferecia cursos de línguas: hebraico, japonês, iorubá. Esses cursos de extensão tornaram-se uma marca na instituição. O setor de estudos sociológicos e etnológicos ficou a cargo de Vivaldo da Costa Lima, em 1960. Anos depois, juntou-se a ele Júlio Braga. O setor de informação e intercâmbio, sob os cuidados de Waldir Oliveira, surgiu em 1961. Ao assumir a direção do CEAO, no mesmo ano, esse setor ficou a cargo de Fernando da Rocha Peres. Em 1962, surgia o setor de estudos linguísticos sob a organização de Guilherme Castro e colaboração de Yêda Pessoa de Castro. O setor de história surgiu em 1963 com Paulo Fernando de Moraes Farias logo ocupado por Johildo Lopes de Athayde e Marli Geralda Teixeira.

Houve secretárias e bibliotecárias: Cira, Marita Frank, Iêda Machado, Eliana Barbosa. A organização do Centro em setores de atividades evidencia quais atividades empenhava-se em realizar: divulgação de informações a um público mais amplo; atividades de extensão universitária através de cursos e palestras; realização de pesquisas no âmbito das ciências humanas e sociais. O Centro contou com diversos colaboradores como o poeta e crítico teatral Carlos Falck e o jornalista Flávio Costa, que auxiliavam na divulgação das atividades do

CEAO com notas jornalísticas. O artista polivalente Lênio Braga Brasil criou a capa das primeiras edições da revista do CEAO, a *Afro-Ásia*¹⁰. A professora de geografia Teresinha Pena de Carvalho auxiliou na confecção de mapas e realização dos cursos de geografia africana implementados junto com os cursos de história da África no CEAO em 1965.

As viagens à África ocidental

“Agostinho realmente revolucionou a metodologia entre nós. Porque nós éramos muito livrescos àquele tempo. Foi ele quem nos deu a possibilidade de fazer pesquisa de campo” (COSTA LIMA, 2004). Com tais palavras, Vivaldo da Costa Lima apresentou o diferencial metodológico que a proposta de viajar e pesquisar diretamente no continente africano representou naqueles idos de 1959. Se a África, através dos traços culturais mantidos no Brasil, já era alvo de sua pesquisa em Salvador, conhecê-la pessoalmente tinha muito de extraordinário. Sobretudo porque, exceto para o grupo aqui apresentado bem restrito de interessados nas relações da Bahia com a África, ainda era vigente na sociedade a ideia que os intensos laços construídos durante a vigência do período escravista haviam se rompido completamente.

Conhecer países africanos era uma proposta animada pelo intercâmbio que o fotógrafo e etnólogo francês radicado em Salvador Pierre Verger realizava pessoalmente, desde 1949, entre a busca e análise de documentos para a pesquisa acadêmica e a vivência religiosa no interior do Benin. Sua pesquisa abordava as relações comerciais escravistas entre a Bahia e o Golfo do Benin junto a seu trabalho fotográfico e experiência religiosa que evidenciava a manutenção de tradições culturais de um lado e outro do Atlântico (VERGER, 1987). Pierre Verger foi mais que um cicerone para os pesquisadores do CEAO. Disponibilizou seu conhecimento acerca das relações entre Brasil e África, indicou e discutiu pontos de pesquisa, acompanhou os primeiros passos desses pesquisadores na África. Sua experiência com viagens, fundamental para a construção de conhecimento sobre a África, foi estímulo decisivo para Costa Lima que embarcou em dezembro de 1959 e passou pouco mais de três anos entre Nigéria, Gana e Benin tendo retornado no início de 1963 (VERGER, 2008).

A documentação consultada não revela qualquer informação sobre a emissão de passagens para as duas partidas do professor. As viagens de Vivaldo, assim

¹⁰ Pintor, desenhista, ilustrador, publicitário, gráfico e fotógrafo.

como a de Pedro Maia para Dacar, haviam sido decididas durante o reitorado de Edgard Santos. O reitor, conhecido pelos investimentos no campo artístico e cultural, não se oporia a tamanha realização uma vez que era um dos maiores entusiastas do Centro, pode-se dizer uma realização também sua. Vivaldo, então com 34 anos, não era casado ou possuía filhos de modo que embarcou para a pesquisa no exterior sem data afixada para retorno.

Condição diferente foi vivenciada por Yêda Pessoa de Castro e Guilherme de Souza Castro. Liberados de suas respectivas funções para estarem à disposição do CEAO em junho de 1961, às vésperas de momentos de incerteza resultantes da não recondução de Edgard Santos à reitoria, em julho, e a renúncia inesperada do presidente da república, Jânio Quadros. O primeiro era apoiador das atividades do Centro e o segundo havia estabelecido ações para a aproximação com o continente africano nas quais Agostinho da Silva tentava inserir os pesquisadores baianos. Em meio à situação, as passagens para os pesquisadores só foram custeadas pela reitoria após longo período de insistência e negociação, em janeiro de 1962, seis meses após o pedido. Naquele momento, o semestre letivo na Universidade de Ibadan, que tem um cronograma letivo diferente do brasileiro, já estava no final. Ou seja, a viagem dos professores ocorreu num momento em que não havia garantias de hospedagem pela universidade que deveria ter sido acertada e confirmada antes do início do semestre letivo, iniciado em outubro de 1961.

Uma série de impasses, desde a chegada dos Castros em Gana, onde aguardaram Vivaldo por dez dias, passando pela chegada a Ibadan, na qual descobriram não ter acomodação ou aulas garantidas, até o estabelecimento na Universidade da Ifé, foram interpretados de diferentes maneiras pelos pesquisadores do CEAO: Guilherme, Waldir e Vivaldo. Os dois primeiros pensaram em falta de cooperação daquela universidade para com o Brasil. O terceiro entendeu que a ausência de confirmação sobre a ida dos professores causou todos os mal-entendidos e constrangimentos que os professores experimentaram. A expectativa em torno das passagens fez os pesquisadores embarcarem dois dias após a liberação sem realizar as confirmações necessárias que resultou nessa chegada marcada pela sensação de abandono tão bem documentada na correspondência emitida por Guilherme Castro a Waldir Oliveira (REIS, 2011).

As condições de vida naqueles países estrangeiros eram bem diferentes das condições que os pesquisadores viviam no Brasil. O primeiro impacto era causado pelo custo de vida muito mais alto. Somava-se a isto o vínculo precário com a universidade que não lhes garantia hospedagem ou transporte

sem custos. Para sobreviver, Guilherme Castro dispunha do salário pago pela UFBA que, em função do valor crescente do dólar, tinha de ser depositado com bastante antecedência, dificultando enormemente o repasse. Deste modo, ter dinheiro em mãos no exterior para suprir as necessidades básicas era algo nem sempre possível.

Essas condições precárias eram motivo para a insistência de Agostinho da Silva, através do CEAO, para que o governo brasileiro estabelecesse uma política de aproximação com o continente. Assim poderia haver apoio institucional para os pesquisadores. Com o anúncio da política africana de Quadros, uma possibilidade, ainda que elementar, foi a vinculação como leitores do governo brasileiro no exterior, para a realização de cursos livres¹¹. Como leitor, Costa Lima atuou na Universidade de Ibadan (1961) e na Universidade de Gana (1961- 62) e Pedro Maia na Universidade de Dacar (1961-1970), o que lhes garantiu uma quantia mensal de 150 dólares pagos em lotes trimestrais. Guilherme Castro foi vinculado como leitor da Universidade de Ifé (1962-63)¹².

A referência a dinheiro, ou à falta dele, é constante na correspondência enviada pelos pesquisadores Costa Lima e Castro ao Centro embora a ênfase fosse completamente diferente. Quando soube que poderia ser leitor, já na Nigéria, Costa Lima especulou que assim disporia de recurso para a compra de um carro. Isso provavelmente aconteceu, dada a necessidade de grande circulação que mantinha pelos países, embora não haja mais registro específico sobre o assunto.

Costa Lima referiu-se ainda a envios de dinheiro realizados pelo irmão Sinval Lima, sempre com a recomendação que os valores deviam subsidiar meses. Possivelmente Sinval acompanhava o pagamento do irmão na Bahia garantindo o envio. Não se deve ficar com a impressão de que Costa Lima não tinha dificuldades com dinheiro enquanto realizava sua pesquisa. O fato é que ele, normalmente, não deixava esse ponto ser a principal discussão de suas longas e constantes cartas¹³. O que parece é que conseguia articular-se razoavelmente bem frente às condições difíceis. Pesaria nessa postura um espírito aventureiro desse pesquisador, uma organização financeira metódica, ou os repasses financeiros de seu irmão eram mais robustos dada a melhor condição da família?

¹¹ Na definição de Costa Lima, “o leitorado não implica em cursos regulares nem nada, mas em presença, palestras e vários departamentos, escolas secundárias, ocasionais projeções de filmes e slides e pequenas conferências, *Lectures* sobre cultura e História do Brasil”. Correspondência de Costa Lima a Waldir Oliveira, 20/09/1962. CEAO.

¹² Correspondência de Waldir Oliveira para Costa Lima, 25/10/1961. CEAO.

¹³ Correspondência de Costa Lima para Waldir Oliveira, 19/07/1962. CEAO.

Leitor desde março de 1961, outra vinculação no continente prometia melhorar suas condições: como adido cultural da embaixada brasileira em Acra, Gana. Resultado de entendimentos de Agostinho da Silva com o Ministério das Relações Exteriores, Costa Lima já dispunha de experiência naqueles países o suficiente para auxiliar o embaixador Raymundo de Souza Dantas na primeira embaixada brasileira na África subsaariana. Seria um cargo importante para o CEAO porque garantia a inserção de um pesquisador de seu quadro num espaço importante para o projeto de incrementar as relações culturais entre o Brasil e países africanos. Vale destacar que outros intelectuais no Brasil também disputavam o espaço aberto pelas ações governamentais.

Costa Lima mudou-se de Ibadan, na Nigéria, para Acra, em Gana, em outubro de 1961 e foi compartilhar com Souza Dantas as dificuldades de instalar a embaixada brasileira num destacado país africano frente a importantes contradições políticas do governo brasileiro. Embora o Brasil afirmasse uma política de aproximação com a África, tinha um posicionamento dúbio em relação ao colonialismo português e mandou seu primeiro embaixador negro para a África, único entre todo o corpo diplomático brasileiro. O governo do estadista Kwame Nkrumah estava atento às articulações brasileiras (SOUZA DANTAS, 1965).

Em Acra, Vivaldo vivenciou dificuldades materiais e políticas. Ao chegar, encontrou o caso dos estudantes angolanos que, refugiados naquela cidade, solicitavam bolsas de estudo no Brasil. A situação, embora tratada como confidencial, evidenciou que a ação brasileira no continente era limitada: afirmava o anticolonialismo, mas fechava os olhos para a guerra colonial angolana. Possivelmente foi este um motivo importante para que Costa Lima não fosse credenciado como adido. Sua ação foi ampla e de grande valia para Souza Dantas, mas seu ordenado era de leitor da Universidade de Gana¹⁴. Na oportunidade escreveu “política e diplomacia... duas coisas para o que não nasci e de que não entendo”¹⁵.

As articulações políticas não atrapalharam a pesquisa de Vivaldo que continuou a circular pelos países vizinhos como Benin e Costa do Marfim a investigar grupos étnicos e suas práticas religiosas. Souza Dantas reconheceu o empenho e seriedade do trabalho de Vivaldo quando publicou um diário sobre sua missão africana (SOUZA DANTAS, 1965). O leitor ficou um ano exato em Gana¹⁶.

¹⁴ Correspondência do Ministério das Relações Exteriores para a embaixada brasileira em Acra, 08/07/1962. Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI).

¹⁵ Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira, 02/10/1961. CEAO.

¹⁶ Autorização para contrato em Correspondência do MRE para Raymundo de Souza Dantas, 02/08/1962. AHI.

Em 1962, mudou-se para o Benin a fim de investir num projeto nutrido pelo Centro de Estudos Afro-Orientais: a instalação de um centro de estudos brasileiros num país africano.

Suas gestões com o governo daquele país resultaram na cessão de uma velha casa na capital Cotonou. Seu empenho e estímulo não conseguiram superar a negativa de qualquer apoio da UFBA ou do Itamaraty que, desgastados com as incertezas da política para a África, aliada à difícil situação denunciada por Guilherme Castro na Nigéria, e considerando o custo de vida dobrado na cidade de Porto Novo onde se instalou, resultaram no retorno de Vivaldo à Bahia, no início de 1963, sob ordens expressas do reitor¹⁷.

Através da correspondência enviada por Guilherme Castro ao CEAO tem-se a impressão de que a estadia na Nigéria não foi nada produtiva. O desespero causado pela chegada inesperada do casal deu lugar a um *continuum* de reclamações, cobranças e frustrações. O professor reclamou do atraso de cartas na Bahia, da situação “drástica” em relação à falta de dinheiro que os deixavam “quase passando fome”¹⁸, da necessidade de um carro (algo incomum no contexto baiano), da frieza dos ingleses “pretos ou brancos”¹⁹, da inexistência de um leitorado “de fato”²⁰.

Costa Lima, que prestava todo apoio possível ao casal, no que resultou a ida e estabelecimento na cidade de Ifé, foi visitá-los em julho de 1962 e concluiu que a situação “nunca foi tão assustadora nem tão crítica”²¹. Na opinião do leitor em Acra, faltava ao casal planejamento econômico. E deu o exemplo do carro que enfim compraram utilizando todo o dinheiro relativo a dois trimestres recebidos de uma só vez²². Como poderiam se manter, ao gastar o dinheiro de um semestre na compra de um carro usado?

Costa Lima referiu-se ainda à falta de “ímpeto” e “arrojo” do novo leitor receoso da dificuldade de expressar-se em inglês. Se chegaram em janeiro, oito meses depois, em outubro, o ano letivo se iniciaria. Às vésperas do início das aulas, Guilherme Castro simplesmente “desistia de tudo” e alegava não ter mais ânimo ante os dias sucessivos de apreensões para continuar o trabalho. As con-

¹⁷ Carta de Flávio Costa, diretor em exercício do CEAO, a Waldir Oliveira, 04/02/1962. CEAO.

¹⁸ Correspondência de Guilherme Castro para Waldir Oliveira, 05/04/1962. CEAO.

¹⁹ Correspondência de Guilherme Castro para Waldir Oliveira, 14/04/1962. CEAO.

²⁰ Correspondência de Guilherme Castro para Waldir Oliveira, 23/03/1962. CEAO.

²¹ Correspondência de Costa Lima para Waldir Oliveira, 05/07/1962. CEAO.

²² Correspondência de Costa Lima para Waldir Oliveira, 05/07/1962. CEAO.

siderações dramáticas que chegavam ao CEAO também foram enviadas a Lauro Escorel, chefe do Departamento Cultural do Itamaraty, que mandou as passagens de retorno com urgência²³. Waldir Oliveira, diretor do CEAO, reconheceu que após quase um ano no exterior, o casal de professores não havia se adaptado e estava endividado.

Mesmo reconhecendo a dificuldade em gerenciar o limitado dinheiro, parece que outro fator era preponderante na desistência do professor: a dificuldade de inserção naquela universidade. A experiência no Brasil, que os legava certo reconhecimento e deferência por se tratarem de funcionários públicos, então ligados à universidade baiana, não era a mesma em Ibadan ou Ifé. O professor sentia-se ignorado por ambas as universidades uma vez que não era convidado a dar aulas ou participar de qualquer atividade.

Guilherme não entendeu, ou não aceitou, as condições precárias que a Universidade de Ibadan ou Ifé ofereciam, de aulas e cursos livres que dependiam, como alertava Vivaldo, de sua articulação. Não podia esperar um convite, tinha de se oferecer. A falta de um lugar assegurado e estável, mesmo temporário, pode ter sido a justificativa para sua desistência. Na correspondência afirmou: “o mais importante de tudo é a definição de meu *status* aqui, na Universidade de Ifé”²⁴. Tanto Costa Lima quanto Castro chegavam ao continente como desbravadores, abrindo um campo de trabalho e pesquisa em meio à precariedade tanto de vínculos institucionais quanto financeiros.

Guilherme teria regressado não fosse a intervenção de Yêda. A professora havia viajado na condição de colaboradora de pesquisa, e como esposa, embora já fosse conhecida pelo interesse no estudo das línguas populares. Contudo, o leitorado e o vínculo com a UFBA estavam a cargo de Guilherme, de modo que Yêda, mesmo tendo participado ativamente dessa experiência, não menciona no currículo Lattes a vinculação com o CEAO nesses anos iniciais de 1960. Após o ultimato de Guilherme para retornar, a professora que não tinha o hábito de corresponder-se com o CEAO, passou a escrever num tom completamente diferente do companheiro. Não se deteve em problemas, ressaltou o trabalho de pesquisa, enviou um artigo e, mesmo com as passagens de retorno em mãos, justificou a necessidade de permanecerem na Nigéria até julho de 1963, quando se encerraria o período letivo.

²³ Carta enviada por Waldir Oliveira a Lauro Escorel, 23/10/1962. CEAO.

²⁴ Correspondência de Guilherme Castro para Oliveira, 10/09/1962. CEAO.

De volta à Bahia e ao CEAO, os pesquisadores haviam reunido dados de campo. Costa Lima e seu interesse pelos grupos étnicos e práticas religiosas que teriam relação com o Brasil. Yêda e Guilherme Castro informações sobre a língua portuguesa falada na comunidade de retornados e sobre a língua iorubá falada na Nigéria e em terreiros baianos.

As viagens tinham um nítido tom de aventura. Ingressar no CEAO, um espaço que buscava produção de conhecimento sobre terras tão distantes, geográfica e politicamente, preconizava também aproximação *in loco*. Se Vivaldo da Costa Lima e Pedro Maia, Guilherme Castro e Yêda Pessoa de Castro foram os primeiros, outros pesquisadores ligados ao Centro não deixaram de ir, mesmo que para a participação em eventos ou realização de cursos. Nesse ponto, o continente africano era o alvo principal, mas outros destinos também foram considerados. Na verdade, parecia uma marca dos integrantes do CEAO, era quase uma necessidade, a disposição para viajar e construir conhecimento e vivenciar experiências em outras terras. Lembrando o texto de Fernanda Arêas Peixoto (2015), a viagem era uma vocação.

Waldir Oliveira, que esteve na direção do CEAO ao longo dos anos 1960, fez diversas viagens. Em dezembro de 1962, o professor de geografia esteve em Acra, para o I Congresso Internacional de Africanistas, de onde rumou para a França, a fim de especializar-se em geografia humana na Universidade de Strasbourg durante um semestre. No retorno, passou um mês nas principais cidades de Angola a realizar pesquisa. Vivaldo da Costa Lima esteve no segundo semestre de 1965 a especializar-se em universidades inglesas. Em 1967, Júlio Braga passou um ano entre Dacar, Benin e Nigéria, com bolsa de pesquisa do Instituto Fundamental da África Negra (IFAN). O professor de literatura Fernando da Rocha Peres, do setor de informação do Centro e secretário da *Afro-Ásia*, esteve durante o primeiro semestre de 1967 a realizar pesquisa em Portugal. Yêda e Guilherme Castro retornaram à Nigéria, entre 1969 e 1971, como *research fellow* e leitor, respectivamente, da Universidade de Ifé. Na oportunidade, Yêda, que chegou um pouco depois, foi acompanhada de seus dois filhos pequenos e sua mãe, que passou dois meses a auxiliá-los na instalação²⁵. Paulo Farias cursou o mestrado em *African Studies* na Universidade de Gana, entre 1964 e 66 e, nos meses seguintes, obteve bolsa do IFAN em Dacar. Todos têm artigos publicados na revista *Afro-Ásia*, resultado da pesquisa que empreenderam.

²⁵ Correspondência de Yêda Pessoa de Castro para Waldir Oliveira, 09/03/1970. CEAO.

As viagens se davam após grande negociação, insistência e busca de recursos de modo que houve tentativas malogradas como a candidatura de Dilza Segalá, assistente da pesquisa de Vivaldo, para “estágio em África”²⁶ ou o pedido de uma viagem à Índia para o pesquisador Cid Teixeira²⁷ que não se realizaram.

Se o objetivo prioritário das viagens era o estabelecimento de condições para a realização de pesquisa, outras viagens de caráter mais transitório, como a participação em eventos, não apenas reforçavam esse caráter de intercâmbio nutrido pelo Centro, como os colocava frente a diferentes situações que acabaram por influenciar a produção acadêmica – e os rumos pessoais – dos pesquisadores. As décadas de 1960 e, em menor medida, de 1970 foram marcadas pela realização de grandes eventos acadêmicos e culturais no continente africano²⁸.

Frente à emergência de nações independentes, acadêmicos, políticos e artistas se reuniam para discutir, produzir e divulgar conteúdos e conhecimentos que dessem sustentação àquela nova ordem política e oferecessem ao mundo outros referenciais pelos quais pudessem ser conhecidos. Era necessário refutar cientificamente a perspectiva europeia de subordinação colonial que não atribuía civilização ou humanidade aos povos africanos, razão que justificaria a colonização econômica, política e cultural. Uma vez que esses pressupostos eram assegurados, sobretudo, pela antropologia (colonial), essa disciplina aliada à história e às artes foram especialmente mobilizadas para desfazer a ideia de ausência de passado e futuro do continente africano.

²⁶ Correspondência de Agostinho da Silva para Wladimir Murtinho, 28/07/1961. CEAO.

²⁷ Correspondência de Agostinho da Silva para a Embaixada da Índia no Brasil, 03/08/1961. CEAO.

²⁸ Em especial, o I e II Congresso Internacional de Africanistas, respectivamente, Acra (1962) e Dacar (1967). E o I e II Festival de Artes Negras, respectivamente, Dacar (1966) e Lagos (1977).

Figura 1 – Waldir e Vivaldo (ao centro) no II Congresso Internacional de Africanistas, 1967.



Fonte: Acervo do CEAO.

A formação de novos estudiosos foi estimulada. Intelectuais assumiram a condução de estados nacionais, a exemplo de Leopold Senghor, no Senegal, e Kwame Nkrumah, em Gana. Nessas reuniões, com os maiores especialistas em assuntos africanos, emergiu o projeto da UNESCO de redação de uma História Geral da África, finalmente publicado vinte anos depois.

Do CEAO, Vivaldo da Costa Lima e Waldir Oliveira participaram como representantes brasileiros no I e II Congresso Internacional de Africanistas ocorridos, respectivamente, em Acra, 1962 e Dacar, 1967. Nesses espaços, os pesquisadores baianos tiveram contato com pesquisadores de referência de modo que não podiam estar alheios às principais questões das ciências sociais e humanas do período. No Congresso de 1967 apresentaram uma comunicação enviada por Yêda Pessoa de Castro, na seção de linguística, a única de uma pesquisadora brasileira (PESSOA DE CASTRO, 1967). O depoimento de Paulo Farias, cuja bolsa de mestrado foi resultado da articulação de Vivaldo, ressalta como estavam antenados a grandes pesquisadores do período (MORAES FARIAS, 2010).

A produção intelectual que emergia do contexto de descolonização tinha um sentido político claro: a afirmação de um repertório africano. Resta perguntar de que modo essas discussões influenciaram a produção de pesquisadores do CEAO. A participação de Costa Lima na embaixada brasileira em Acra e o caso

dos estudantes africanos revelaram o quão complicado podia ser o envolvimento em questões políticas diretas. Na Bahia, a preocupação que norteou os trabalhos desses pesquisadores era a afirmação política de terreiros de candomblé. E nesse ponto acabam por se aproximar das discussões mais amplas que acompanharam no cenário acadêmico internacional. Partiam do pressuposto que havia alguma correspondência entre práticas culturais da religiosidade de matriz africana no Brasil e na África. Assim, valorizavam um patrimônio africano e auxiliaram a projetar algumas personalidades de terreiros baianos que, nesse intercâmbio entre Brasil e África, tiveram a oportunidade de seguir para lá.

Neste contexto se insere a ida de Mestre Didi para pesquisa etnográfica e exposição artística no Daomé (atual Benin) e Nigéria, terra de seus ancestrais. Este colaborador do CEAO desde a fundação do Centro e aluno da primeira turma do curso de iorubá viajou por quatro meses, em 1967, com bolsa da UNESCO e em companhia de sua esposa, a antropóloga Juana Elbein dos Santos. Em 1966, realizou-se em Dacar o I Festival Mundial de Artes Negras. Waldir Oliveira integrou o comitê organizador, seguiu como representante brasileiro e articulou a participação de grupo de capoeiristas de Mestre Pastinha. Sua intervenção para que a ialorixá Olga do Alaketo fosse responsável por um jantar com comidas típicas afro-brasileiras oferecido na capital senegalesa foi a primeira de outras experiências que ela teria no continente africano, e nos Estados Unidos, como uma representante da cultura afro-brasileira. O II Festival Mundial de Artes Negras e Cultura, realizado em Lagos, Nigéria, 1977, contou com expressiva delegação brasileira em que a ida de Olga e “as danças dos orixás”, articulada pelo CEAO, foi um dos pontos altos do evento.

A participação em atividades e eventos de grande vulto realizados no exterior buscava conferir visibilidade e legitimidade ao trabalho desenvolvido no CEAO dentro da UFBA. Desde seu surgimento, a reserva de um espaço e de recursos dentro da universidade baiana para ações com foco ou envolvimento de pessoas negras, em âmbito local, nacional ou internacional, especialmente através do CEAO, sempre foi motivo de questionamento. A proposta do CEAO, a eleger elementos culturais negros para estudo, no Brasil e na África, estava na contramão desse direcionamento. A inserção desses pesquisadores em formação e, portanto, jovens num campo de pesquisa que buscava estabelecer, certamente disputava lugar com outros pesquisadores estabelecidos ou envolvidos em áreas do conhecimento sedimentadas ou aparentemente mais relevantes, como na disputa entre o CEAO e profissionais da Faculdade de Medicina para inauguração do Museu Afro-Brasileiro.

Disputas e rivalidades comuns no meio acadêmico eram motivadoras da insistência desses pesquisadores em obter respaldo internacional. Contudo, mesmo circulando entre especialistas que fervilhavam, tratava-se de universidades africanas que não possuíam, nem de longe, o respaldo que instituições europeias e norte-americanas gozavam no Brasil. Daí compreende-se a insistência de Vivaldo da Costa Lima em realizar uma pesquisa dentro dos parâmetros acadêmicos e com rigor metodológico e sua especialização em universidades renomadas como o *School of Oriental and African Studies* (SOAS) na Universidade de Londres onde esteve entre setembro e dezembro de 1965²⁹.

As disputas ficaram evidentes em relação aos intelectuais interessados no mesmo campo de estudos. Na Bahia, um grupo restrito de intelectuais estava interessado na cultura afro-brasileira de modo que todos se conheciam. O grande colaborador do grupo do CEAO foi Pierre Verger, desde a fundação até os anos 1980. Com outros intelectuais, que nutriam interesses semelhantes, não havia demonstração de qualquer proximidade ou realização de atividades conjuntas. Alguns são citados em comentários ácidos. A ida do professor da UFBA, o reconhecido geógrafo Milton Santos, a Dacar, em 1961, e a possibilidade que havia de assumir um posto importante nos cargos resultantes da política africana levaram Vivaldo a redigir uma carta eivada de um tom grotesco³⁰. Sobre os folcloristas na Bahia, o antropólogo do CEAO disse só entenderem de capoeira. Acaso referia-se a Waldeloir Rego, reconhecido pelo trabalho com este tema?

A disputa era declarada com intelectuais que assumiram o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (depois Centro de Estudos Afro-Asiáticos), no Rio de Janeiro. Caso da indisposição entre Waldir Oliveira e Eduardo Portela, o diretor do centro carioca, que quase chegaram às vias de fato (OLIVEIRA, 2009). No Rio, outros intelectuais disputaram espaço nas ações culturais voltadas para o continente africano. Ou eram baianos, caso de Jorge Amado e Eduardo Portela, ou tinham grande circulação em Salvador e no terreiro Opô Afonjá, como o casal de escritores Zora Seljan e Antonio Olinto designados, respectivamente, leitora e adido cultural em Lagos, Nigéria, em julho de 1962.

Souza Dantas, Verger ou Costa Lima não pareciam demonstrar interesse em aproximar-se do casal. O embaixador os chamou de interesseiros e questionou o credenciamento e pagamento de salário numa embaixada que não estava

²⁹ Ver diversas correspondências enviadas de Costa Lima para Waldir Oliveira entre 21/09/65 e 04/01/66. CEAO.

³⁰ Carta enviada por Costa Lima a Agostinho da Silva, 10/03/1961. CEAO.

ainda em funcionamento³¹. Costa Lima, em 19 de julho de 1962, escreveu: “a besta do Olinto que deu uma entrevista cabotina na Bahia”³². Gaparino Damatta, que foi credenciado à embaixada brasileira em Acra, não poupou o casal de verdadeiros xingamentos numa carta enviada a Waldir Oliveira em 1964. Apenas para adentrar no tom dado a essa correspondência, basta dizer que chamou Zora de “chata” e o “casal de vigaristas”, que viviam a falar mal de Souza Dantas “a Deus e o mundo”. E após palavras de baixo calão, arrematou: “a inimigo não dou colher de chá e nem perdão, mesmo na hora da morte”³³. Evidência dessa rivalidade foi a vinda da retornada Romana da Conceição ao Brasil, em 1963, organizada por Olinto, que não recebeu destaque nas atividades do CEAO. Olinto (1964) publicou o livro *Brasileiros na África* e, em nenhum momento, referiu-se ao trabalho dos pesquisadores do CEAO na costa ocidental africana.

Obviamente, as rivalidades, disputas, chateações, indisposições e amizades existiam no grupo do CEAO. Pedro Maia, de Dacar, registrou que Oliveira não lhe escrevia nenhuma carta. O professor de língua portuguesa tinha partido antes que Oliveira se estabelecesse no CEAO. Ambos não demonstravam qualquer proximidade e dialogavam muito pouco em cartas num tom nada amistoso. Seria por conta disso que a correspondência de Maia ao CEAO era escassa? Ao que parece Maia era reservado, mas outras pessoas recebiam cartas, enviadas de Dacar, com maior regularidade e num tom completamente diferente, conforme registrou Milze Eon (2012), uma amiga do professor, cujos envelopes eram

[...] tão recheados que eu tinha de abri-los com muito cuidado, para que seu conteúdo não derramasse nem fosse danificado. De Dakar, ele mandava até as primeiras flores dos flamboyants, entre postais, contos, poesias, recortes de jornal com notícias várias.

Waldir Oliveira e Pedro Maia até ensaiaram cartear-se após encontrarem-se pessoalmente, em Dacar, em 1962, ou no contexto da visita do presidente Senghor ao Brasil, em 1964, mas uma dinâmica de incessantes cartas não foi verificada entre os dois. Maia se indis pôs com Oliveira quando este em 1966, antecipando uma possível saída do adido em Dacar, começou a recomendar

³¹ Correspondência de Souza Dantas para Ministério das Relações Exteriores, 20/07/1962. AHI

³² Correspondência de Costa Lima para Waldir Oliveira, 19/07/1962. CEAO.

³³ Correspondência de Gasparino Damatta para Waldir Oliveira, 26/08/64. CEAO.

nomes de professores baianos para substituí-lo³⁴. Na oportunidade, Waldir buscou desculpar-se: “Fico amolado porque você não me escreve. Se mantivéssemos uma correspondência ativa, você nunca poderia chegar a pensar mal de mim”³⁵. Maia permaneceu no cargo até 1970.

Guilherme Castro, que chegou ao CEAO num momento de crise e de muitas cobranças que não tinham àquele momento respostas, não demonstrou ou parece ter construído qualquer aproximação com Oliveira. A partir de sua correspondência, parecia uma pessoa difícil de negociar e acatar conselhos, conforme observado na experiência vivida na Nigéria. Enquanto Vivaldo tentava resolver ou minimizar as dificuldades lá encontradas, Castro não o poupou de um comentário maledicente sobre a palestra de Vivaldo em Ibadan que o deixou furioso³⁶.

Vivaldo da Costa Lima, sempre interessado na realização de sua pesquisa, nunca demonstrou interesse em assumir a direção do CEAO. Contudo, seu nome sempre figurava como segunda opção da lista tríplice enviada para o reitor, empurrando Guilherme para a terceira posição. Ou seja, o nome Waldir Oliveira seguia em primeiro e o de Guilherme Castro seguia em terceiro lugar, evidenciando que tinha interesse em assumir a direção, o que finalmente ocorreu em 1972³⁷. Desse modo, essa disputa pela direção do CEAO marcou a relação entre os dois professores. Inclusive, Waldir Oliveira afirma que sua saída da direção do Centro, após onze anos consecutivos, sendo substituído por Guilherme, foi resultado de um golpe, embora não ofereça detalhes (OLIVEIRA, 2009). A correspondência de Oliveira para Castro era aprazível quando o linguista estava bem longe, ou seja, na Nigéria³⁸.

Houve o estabelecimento de vínculos afetivos e amistosos, como Yêda e Vivaldo que foram compadres. Waldir Oliveira, nos depoimentos contemporâneos, não demonstra nutrir qualquer suscetibilidade em relação à Yêda. Júlio Braga teve seu ingresso na pesquisa acompanhado por Vivaldo, Verger e Yêda. Os dois primeiros são sempre citados como referências pessoais e intelectuais especiais para Júlio (BRAGA, 1988). Mas em livros publicados nos anos 1990, Júlio não

³⁴ Correspondência de Waldir Oliveira para Hélio Scarabotolo, Chefe de Cooperação Intelectual do Itamaraty, 09/05/1966. CEAO.

³⁵ Correspondência de Waldir Oliveira para Pedro Maia, 22/11/1966. CEAO.

³⁶ Correspondência de Costa Lima para Waldir Oliveira, 07/07/1962. CEAO.

³⁷ Atas do Conselho Deliberativo do CEAO em 15/07/1964 e 08/01/1968. Livro de Atas do CEAO nº 01. CEAO.

³⁸ Ver correspondências de Waldir Oliveira para Guilherme Castro em 28/01/1970, 15/03/1970, 14/04/1970, 09/11/1970 e 11/12/1970. CEAO.

faz maior referência ou destaca o trabalho da pesquisadora do CEAO. Foi Júlio Braga quem sucedeu Yêda Castro na direção do CEAO em 1990³⁹. Seria essa sucessão o motivo da disputa e desencontro entre os professores?

Se Júlio questionou a permanência de Yêda por uma década à frente do Centro, Yêda, após sair do CEAO e da UFBA, não deixou de acompanhar e criticar publicamente as ações que as gestões seguintes faziam do patrimônio construído pelo Centro (BACELAR, 2014). Numa entrevista concedida muito recentemente, mesmo perguntado sobre o assunto, Braga não destaca o trabalho dos primeiros pesquisadores do CEAO (BRAGA, 2015). Talvez, para afirmar sua autonomia no trabalho acadêmico que deve ter sido, muitas vezes, mesmo com sua longa trajetória de trabalho e pesquisa, apresentada como um aluno dos mesmos.

Costa Lima e Oliveira sempre demonstraram grande proximidade e amizade, observada com o envio de muitas lembranças e abraços, e também presentes trazidos do continente africano⁴⁰, se indispuseram, nos anos 1980, após uma publicação conjunta e a falta de consenso acerca da ordem dos autores. Trata-se de *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*, na qual Oliveira figura como primeiro autor e Costa Lima como segundo (OLIVEIRA; COSTA LIMA, 1987).

Entre pesquisas e candomblés

Frente ao esforço de realizar pesquisa e estudos no continente africano – e também na Europa – e as dificuldades em manter as atividades do CEAO, Waldir Oliveira e Vivaldo da Costa Lima insistiam e estimulavam uma ampliação e aperfeiçoamento da equipe do Centro de Estudos. Ambos pensavam e muitas vezes se referiam ao estabelecimento de um *staff* do CEAO, ou seja, um grupo de especialistas nos temas afro-brasileiros e articulados com o intercâmbio acadêmico e cultural com o continente africano. Se no início dos anos 1960 o estímulo era seguir para a África, em meados da década, quando Vivaldo conheceu o cenário europeu, direcionava para lá seu estímulo para cursos com especialistas.

Nesse ínterim houve o incentivo para que dois jovens colaboradores descrevessem e aprofundassem a trajetória acadêmica. Paulo Fernando de Moraes

³⁹ Diretores do CEAO até 1994: Agostinho da Silva (1959-1961), Waldir Freitas Oliveira (1961-1972), Guilherme de Souza Castro (1972- 1979), Nelson de Araújo (1979-1981), Yêda Pessoa de Castro (1981- 1990), Júlio Braga (1990-1994).

⁴⁰ Em 16 de novembro de 1961, Waldir Oliveira pedia a Costa Lima o envio de “duas autênticas máscaras africanas” para sua esposa. CEAO.

Farias e Júlio Santana Braga. Quando se aproximaram do CEAO, ambos ainda cursavam a graduação. Embora Costa Lima os estimulasse a seguir para a Europa, Farias teve uma bolsa de mestrado em Estudos Africanos na Universidade de Gana, em 1964, e Braga viajou para o Senegal com bolsa do IFAN, em 1968.

O nome de Júlio Braga é registrado na correspondência do CEAO desde 1961 quando Costa Lima, ao mandar lembranças à equipe do Centro, o citava⁴¹. Desde então, sua aproximação com o Centro se deu em função do auxílio prestado, cada vez maior, à pesquisa com os terreiros em Salvador. Braga cursou a Faculdade de Filosofia entre 1964 e 1967. Enquanto se graduava, Costa Lima tentava conseguir uma bolsa de pesquisa no exterior.

Segundo Jocenilda Bispo, integrante do terreiro do Alaketo, Júlio lá vivia desde quando chegou adolescente do interior. Ela relembra Braga mais jovem em meio a presença constante de Costa Lima e Pessoa de Castro que realizavam pesquisa (BISPO, 2014). Não é possível informar quando exatamente se conheceram, o fato é que sua presença naquele terreiro o aproximou dos pesquisadores do CEAO. Teriam eles o influenciado a seguir para o curso de filosofia? No CEAO, Braga compartilhava da confiança de Costa Lima que não colocava sua pesquisa em mãos de pessoas que lhe causassem desconfiança. A trajetória acadêmica de Braga demonstra que, uma vez aproximado dos candomblés soteropolitanos através da vivência no Alaketo e da pesquisa de campo, o professor tomaria temas relativos a essa religião para o desenvolvimento de pesquisa.

A correspondência de Vivaldo emitida de Londres, em 1965, registra a preocupação em conseguir uma bolsa de estudos para Braga considerando que em breve concluiria a graduação. Nessa oportunidade, Costa Lima pensava em algo como o estabelecimento de “uma equipe permanente e treinada”⁴² e citava o nome de Braga como possível. Costa Lima contatou e conversou com diferentes professores, a exemplo de John Fage – professor de arqueologia em Gana – com o qual pensava na possibilidade de um intercâmbio. “Nós da Bahia mandaríamos alguém para pós-graduação (achei mais viável o curto diploma de *African Studies* que é uma sessão apenas de 1 ano letivo, formativos óbvios) e eles mandariam um pós-graduado para estudos brasileiros”⁴³. Dentre as ideias surgidas, Braga aproveitou uma possibilidade para o continente africano. Tratava-se, em 1968,

⁴¹ Correspondência de Costa Lima para Waldir Oliveira, 27/10/1961. CEAO.

⁴² Correspondência de Costa Lima a Waldir Oliveira, 14-16/11/1965. CEAO.

⁴³ Correspondência de Costa Lima a Waldir Oliveira, 28/10/1965. CEAO.

de uma bolsa de pesquisa do Instituto Fundamental da África Negra em Dacar, Senegal. Bolsa semelhante foi concedida no ano anterior a Paulo Farias.

Júlio Braga seguiu para Dacar em janeiro de 1968. Conforme o relatório de Waldir Oliveira ao reitor Roberto Santos, essa bolsa foi resultado de articulações realizadas no II Congresso de Africanistas (Dacar, dezembro de 1967) que reuniu grandes nomes da intelectualidade africana. Vincent Monteil, o diretor do IFAN, mantinha alguma correspondência com o CEAO, que resultou na publicação de um artigo na *Afro-Ásia* e sua vinda ao Brasil (MONTEIL, 1967).

A correspondência remetida por Braga, em Dacar no primeiro semestre do ano, revela que os primeiros momentos após sua chegada tanto como os momentos finais, antes de regressar ao Brasil, foram marcados pelo acometimento de febres que o deixaram dias acamado. Durante o primeiro semestre, o professor tratou de aprofundar o estudo da língua francesa e organizar o plano de trabalho com orientações de Vivaldo da Costa Lima via correspondência. Com o incentivo de Verger, optou por seguir para o Benin e Nigéria. Seu interesse estava circunscrito às “religiões africanas”⁴⁴. Nos parcos informes enviados ao Brasil acerca da pesquisa, revelou interesse especial nos ritos do culto a Exu-Elegbá, mais tarde, revelou ter recolhido material acerca do culto à Iansã naqueles países. Da comunidade de retornados brasileiros em Porto Novo, Benin, cidade sede de sua estadia durante o segundo semestre do ano, Braga enviou um pequeno artigo publicado na *Afro-Ásia*, em 1968 (BRAGA, 1968).

A experiência de Júlio Braga entre Senegal, Benin e Nigéria, em 1968, revela que embora a bolsa tenha sido confirmada a poucos dias de sua viagem, o pesquisador tinha um interesse bem específico naquela porção do continente africano: o culto aos orixás. Com a vivência e experiência nos candomblés baianos, Braga, em 1968, mostrava-se bastante interessado no assunto. A opção em seguir ao Benin estava diretamente ligada à possibilidade de aprofundar conhecimentos que seriam proveitosos para o seu trabalho no CEAO. Braga estava consciente da importância que os estudos acerca do candomblé tinham para o CEAO uma vez que visava “os trabalhos futuros aí no Centro”⁴⁵.

Durante o período em que esteve no Benin, Braga passou por rituais religiosos que o consagraram como um iniciado na religião dos orixás e o possibilitou assumir, no retorno a Salvador, o cargo de babalorixá no terreiro que atualmente dirige. Numa entrevista recente, Braga afirmou que sua iniciação

⁴⁴ Correspondência de Júlio Braga para Waldir Oliveira em 20/06/1968. CEAO.

⁴⁵ Correspondência de Júlio Braga para Waldir Oliveira, 09/04/1968. CEAO.

naquele pequeno povoado no interior do continente, tal como fizera Verger, se deu em função de motivos pessoais que o levaram a assumir a responsabilidade com o culto. Essa afirmação evidencia uma decisão solitária e completamente desvinculada com um contexto em que uma relação direta com os rituais realizados no continente africano conferia maior legitimidade às práticas realizadas na Bahia. E Braga, que publica bastante a respeito do candomblé, abordou a questão nos anos 1990:

Elemento novo na composição da imagem da África, são intelectuais cada vez mais se submetendo aos rituais iniciáticos, e nesta condição, influenciando na reinvenção permanente do candomblé, produzindo uma cultura nova alimentada com as leituras de clássicos da bibliografia especializada em assuntos afro-brasileiros (BRAGA, 1988, p. 55).

Verger e o prestígio no Opô Afonjá acabavam por ser a principal evidência dessa situação, pujante nos anos 1950 e 1960. Em meio à luta para legitimar o candomblé como religião, investia-se num repertório africano de matriz iorubá. Conforme ressaltou Braga, foi em companhia de Verger que adentrou a região de Sakete para passar pelo tempo e rituais necessários (BRAGA, 2015).

Se Braga levou a situação ao extremo, tornando-se mais tarde um líder religioso, não era o primeiro do CEAO a vincular-se ao candomblé. Na verdade, a ideia do Centro surgiu através do português Agostinho da Silva, mas sua organização e seu funcionamento estiveram em diálogo com demandas de terreiros de Salvador, notadamente os de maior prestígio nos quais os pesquisadores circulavam e alguns afiliaram-se. Verger foi acolhido no Opô Afonjá no qual Costa Lima assumiu os cargos de Elemaxó e Obá Odofin. Yêda, embora não apresente a credencial religiosa, é reconhecida como povo de santo, como angoleira. Júlio Braga tornou-se ogã do terreiro Ile Opo Aganju, de Pai de Balbino e, nos anos 90, babalorixá do terreiro Axeloiá. Waldir Oliveira, embora não demonstre qualquer intimidade com o culto aos orixás, resalta o fato de ter sido “suspense” (chamado) para ser ogã do Afonjá. E Agostinho da Silva esteve próximo do terreiro do Alaketo. A natureza da pesquisa e das atividades desenvolvidas no Centro aproximava os intelectuais dos terreiros, além de tentar atender algumas de suas demandas.

O esforço para que representantes da religião e cultura afro-brasileira conhecessem e vivessem as raízes de onde emanaram suas práticas mantidas na Bahia está inserido nesse contexto maior em que tanto praticantes da religião

quanto pesquisadores uniam esforços para legitimar a prática do candomblé como religião com origens reais e conhecidas, ou seja, origens africanas. E mais, apresentavam essa contribuição africana à cultura baiana como um diferencial fundamental que fazia da Bahia um espaço de coexistência e convivência racial ímpar. Referendavam a ideia de que o candomblé mantido especialmente pelas casas mais visibilizadas de Salvador, de ascendência iorubá ou nagô, contribuiria para uma “civilização baiana”, ou seja, uma sociedade marcada pela ideia de democracia racial freyriana⁴⁶.

O CEAO trabalhava num projeto político para que Salvador fosse reconhecida no seu diferencial resultado da manutenção de tradições africanas contribuindo para a visão dessa cidade como uma cidade africana fora do continente. As pesquisas empreendidas por Costa Lima, Pessoa de Castro e Braga apresentavam o terreiro em sua interação com a sociedade uma vez que na dinâmica do terreiro se verificava a dinâmica da sociedade, a exemplo do estudo de Costa Lima e as considerações sobre hierarquias, conflitos e interdições (AUGRAS, 2000).

Nesse movimento de valorização dos terreiros, os pesquisadores do CEAO, nos anos 1960, não priorizaram a dinâmica do racismo em suas análises e, valendo-se do espaço aberto pela teoria freyriana, podiam afirmar sua africanidade como modo de justificar e legitimar a aproximação e trabalho nos terreiros. Verger e Costa Lima tinham sua inserção assegurada pelo fato de comungarem do culto aos orixás. Pessoa de Castro e Oliveira encontraram na mestiçagem a justificativa para, afirmando-se não brancos, justificarem a aproximação com o mundo dos candomblés (PESSOA DE CASTRO, 2012).

Nesse ponto, Oliveira fez a defesa mais aguerrida da mestiçagem brasileira o que, por sua vez, invalidaria as discussões acerca das hierarquias sociorraciais no Brasil. Nas entrevistas utilizadas nesse trabalho, Oliveira relembra as cobranças para que nos anos 1970 um homem negro assumisse a direção do CEAO. Sobre isso, o diretor do CEAO assumiu a *mea culpa*, reivindicando ser sua responsabilidade ter aberto espaço para os negros na universidade o que, por sua vez, deu margem para a busca de outros direitos, como as cotas raciais das quais também discorda (OLIVEIRA, 2009, 2004).

Vivaldo da Costa Lima, Yêda Pessoa de Castro e Waldir Oliveira, que são brancos na Bahia, buscavam uma valorização do candomblé, mas não compar-

⁴⁶ Mesmo reconhecendo que Freyre oferecia o embasamento teórico, os pesquisadores do Centro de Estudos não davam ênfase a sua produção. Possivelmente porque, àquele momento, Freyre representava uma escola pernambucana que rivalizava com uma escola baiana, a qual o CEAO se filiava.

tilhariam de outras demandas políticas propostas pelo movimento negro cada vez mais organizado nos anos 1970. Isso não significa que estavam longe das tensões raciais que se verificavam na universidade ao tratar de um tema alvo de grande preconceito e desconhecimento como o candomblé. Contudo há que se ponderar sobre a relação estabelecida pela universidade com os professores baianos e com os professores estrangeiros que trataram do tema e que, parece, sempre gozaram de maior prestígio e reconhecimento.

Júlio Braga um homem negro-mestiço (para usar sua categoria) acaba por representar o contraste. Se um homem como Verger é reconhecido pelo ingresso no culto aos orixás e o extraordinário que isso significou para um homem francês, Braga como um homem do povo, mesmo com a trajetória acadêmica que construiu na vida, é um babalorixá baiano a semelhança de outros e sua iniciação no continente africano é ainda hoje alvo de controvérsias para o povo de santo sendo louvada por uns e questionada por outros.

As tensões raciais vivenciadas pelos professores pesquisadores do CEAO tomariam nova dimensão nos anos 1970 quando o governo brasileiro investia numa imagem internacional de inexistência de racismo amparada, cada vez mais, na exposição de expressões culturais numa conjuntura de grande repressão política. O Ministério das Relações Exteriores, sempre requisitado para, na medida do possível, amparar financeiramente as ações de intercâmbio do CEAO, buscou em seus especialistas os argumentos e representantes da mestiçagem brasileira em grandes eventos internacionais no continente africano.

Em 1969 a pesquisa de campo de Costa Lima foi concluída. Foi também neste ano que Yêda e Guilherme Castro rumaram novamente à Universidade de Ifé, respectivamente, pesquisadora e leitor brasileiro, contra todas as recomendações em contrário em função da instabilidade política do país. Naquele ano, Vivaldo Costa Lima se dedicaria a analisar e redigir o texto acerca dos dados obtidos, e Yêda Pessoa de Castro viajava para a coleta de novos dados. Ambos se esforçavam para sistematizar as pesquisas de uma década em dissertações de mestrado.

Aquele ano marcou a história da universidade com a implementação de uma ampla reforma universitária que estabeleceu a departamentalização e trouxe novos enquadramentos funcionais. Isso trouxe grande impacto para o CEAO uma vez que desde 1964 estava difícil justificar à reitoria a manutenção dos salários daqueles pesquisadores. No final de 1965, Yêda Pessoa de Castro ficou sem contrato com a universidade, o que Vivaldo entendeu como um “golpe”

ao Setor de Linguística⁴⁷. Essa instabilidade é motivo para que a professora, que desenvolvia atividades de pesquisa no Centro desde 1962, só se refira oficialmente ao vínculo com o CEAO a partir de 1966, quando um novo contrato foi estabelecido.

A instabilidade significava limitação nos recursos para o desenvolvimento da pesquisa de modo que Waldir Oliveira teve de responder à reitoria que as pesquisas estavam entre as prioridades do Centro⁴⁸. Os cursos existiam para discutir conteúdos e questões trazidas a partir da pesquisa de campo que os pesquisadores se esforçavam por manter. A situação esteve de tal modo precária que, no final da década, Waldir tentou vincular Vivaldo e Guilherme como funcionários do CEAO para manter seus salários. Esse contexto de reiteradas dificuldades institucionais culminou com as mudanças trazidas pela reforma universitária que subordinou o CEAO, antes vinculado diretamente à reitoria, à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas⁴⁹.

Tanto o texto de Yêda Pessoa de Castro (1981) como uma nota de rodapé de teor semelhante no livro de Costa Lima (2003), ao abordar as consequências da reforma universitária, enfatizam as novas atividades dos professores em detrimento das consequências para o CEAO que somente anos depois seriam destacadas como uma tentativa de desmantelamento do Centro⁵⁰.

O pronto ingresso de Vivaldo e Yêda na primeira turma dos cursos de mestrado inaugurados na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA revela mais que o desejo, a necessidade de obter uma titulação que conferisse respaldo aos pesquisadores e condições de figurar entre os docentes universitários. Ambos defenderam suas dissertações em 1972. Waldir Oliveira já havia cursado uma especialização na França e ocupava o posto de professor adjunto na Universidade desde 1967 sem, portanto, uma necessidade institucional de novo título. Júlio Braga não tardou e cursou seu mestrado na UFBA tendo-o concluído em 1975.

⁴⁷ Correspondência de Costa Lima para Waldir Oliveira, 20/10/1965. CEAO.

⁴⁸ Correspondência de Waldir Oliveira para Roberto Santos, 19/03/1969. CEAO.

⁴⁹ Ver correspondência de Waldir Oliveira para Joaquim Batista Neves, em 04/02/1970 e 05/03/1970. CEAO.

⁵⁰ Ver Ata do Conselho Deliberativo do CEAO, 22/07/81. Livro de Atas do CEAO. Correspondência de Oliveira para Paulo Farias, 20/03/1970. CEAO.

À guisa de conclusão

Vivaldo da Costa Lima, Yêda Pessoa de Castro, Guilherme de Souza Castro, Waldir Freitas Oliveira, Júlio Santana Braga são pesquisadores que tem sua história acadêmica marcada pelo trabalho desenvolvido no Centro de Estudos Afro-Orientais instalado na Universidade Federal da Bahia nos meses finais de 1959. Desde então, e com o estímulo institucional de Agostinho da Silva e acadêmico de Pierre Verger, enveredaram por pesquisas que focaram temas voltados para a história e antropologia de povos da África Ocidental e sua conexão com os afro-brasileiros, em especial, os afro-baianos.

O anos 1960 foram fundamentais para a formação acadêmica destes pesquisadores, os quais se tornariam reconhecidos décadas depois no cenário baiano pelo trabalho de trazer à tona a história de povos africanos importantes para a constituição da população negra baiana, em especial, aquelas relacionadas ao candomblé de matriz iorubá. Para tanto, um ponto fundamental para compreender as trajetórias que descreveram foi o esforço dispendido em realizar viagens de pesquisa ao continente africano configurando um pioneirismo, em relação à intelectuais brasileiros, que só havia sido realizado antes por Gilberto Freyre.

Para que vivenciassem a África *in loco* foi necessário além de particular disposição pessoal, o enfretamento de dificuldades estruturais de setores da Universidade baiana e do Ministério das Relações Exteriores. A primeira instituição não via relevância em tal proposição e a segunda, embora afirmasse uma política de aproximação com a África desde 1961, não proporcionava as condições necessárias para o bom desenvolvimento de pesquisas. O tom de aventura experimentado pelos pesquisadores em suas diferentes incursões no exterior somavam-se à instabilidade de vinculação na UFBA que não garantia a manutenção dos contratos. Emergiram também dificuldades relativas a inserção precária em Universidades africanas, a instabilidade política dos países recém-independentes e a disputa e dissensos entre os próprios pesquisadores baianos ou com outros pesquisadores brasileiros interessados no continente africano.

As trajetórias dos pesquisadores do CEAO, entre 1959 e 1972, revelam o período em que tornavam-se professores universitários em meio à busca por legitimidade de suas pesquisas as quais, ao terem o termo África entre as palavras chave, limitava o reconhecimento dos mesmos na Universidade. 1972 é o ano em que, devido a reforma universitária, os professores do CEAO são lotados como professores efetivos em diferentes faculdades, inaugurando um período de estabilidade institucional (REIS, 2015).

A nova vinculação dos professores e, por consequência, a diminuição das atividades do Centro⁵¹ não arrefeceu o interesse pelo mesmo. O grupo mais estreito de professores pesquisadores que teve sua trajetória marcada pelo trabalho no Centro de Estudos continuaria a mantê-lo como espaço prioritário para suas atividades, enfrentando novos desafios para sua manutenção, até a aposentadoria nos anos 1990.

AFRICA IN LOCO: RESEARCHERS ITINERARIES AT THE CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS (1959-1972)

ABSTRACT: *The Center for Afro-Oriental Studies was founded at the University of Bahia in 1959 with the objective of developing research, teaching and extension activities. Its first director, Luso-Brazilian George Agostinho da Silva brought together young Bahian researchers willing to embark on African and Afro-Brazilian themes. The goal of conducting field research on the African continent has brought together researchers with diverse academic backgrounds. Waldir Freitas Oliveira, Vivaldo da Costa Lima, Yêda Pessoa de Castro, Guilherme Castro and Júlio Santana Braga excelled in this pioneering research experience in West African countries, in a decade in which there was an awakening of interest in African history in Brazil and gradually appreciation of Afro-Brazilian religions.*

KEYWORDS: *África. Candomblé. Centro de Estudos Afro-Orientais. Intellectuals.*

REFERÊNCIAS

AUGRAS, M. O terreiro na academia. In: MARTINS, C.; LODY, R.; SANTOS, S. (de Oxóssi, Mãe.). **Faraimará:** o caçador traz alegria. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 46-61.

BACELAR, J. [maio 2014]. Entrevistadora: Luiza Reis. 2014.

BISPO, J. [maio 2014]. Entrevistadora: Luiza Reis. 2014.

BRAGA, J. Sou criança em relação a esse mundo milenar. [abr. 2015]. Entrevistadora: Cleidiana Ramos. **A Tarde**, 2015. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1655275-braga-sou-crianca-em-relacao-a-esse-mundo-milenar>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

⁵¹ Uma evidência dessa fase do CEAO é a revista *Afro-Ásia* que vinha sendo publicada ininterruptamente até 1970 e experimentou grande irregularidade desde então.

- BRAGA, J. **Fuxico de candomblé**. Feira de Santana: Ed. da UEFS, 1988.
- BRAGA, J. Notas sobre o Quartier Brèsil no Daomé. **Afro-Ásia**, Salvador, n.6-7, 1968.
- COSTA LIMA, V. [2004]. Entrevistadores: Edson Farias e Fernando Rodrigues. 2004.
- COSTA LIMA, V. **A família de santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intragrupais. 2 ed. rev. Salvador: Corrupio, 2003.
- EON, M. S. **Petrus, Pedro Moacir Maia**. 2012. Disponível em: <<http://lcfaco.blogspot.com.br/2012/11/petrus-pedro-moacir-maia.html>>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- MONTEIL, V. O Islão na África Negra. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 4-5, 1967.
- MORAES FARIAS, P. F. [2010]. Entrevistadora: Luiza Reis. 2010.
- OLINTO, A. **Brasileiros na África**. Rio de Janeiro: GDR, 1964.
- OLIVEIRA, W. F. [2009]. Entrevistadora: Luiza Reis. 2009.
- OLIVEIRA, W. F. [2004]. Entrevistador: Cláudio Pereira. 2004.
- OLIVEIRA, W. F.; COSTA LIMA, V. **Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos**: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938. São Paulo: Corrupio, 1987.
- PEIXOTO, F. A. **A viagem como vocação**: itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: FAPESP: EdUSP, 2015.
- PESSOA DE CASTRO, Y. [mar. 2012]. Entrevistadora: Denny Fingergut. **Programa Perfil e Opinião**, 2012. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=dzk9SxgKhVY>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- PESSOA DE CASTRO, Y. **A Experiência do CEAO**. Datilografado. [S.l.]: [s.n.], 1981.
- PESSOA DE CASTRO, Y. A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. **Afro-Ásia**, Salvador, n.4-5, p. 25-34, 1967.
- REIS, L. N. dos. **De Improvisados a eméritos**: trajetórias de intelectuais no Centro de Estudos Afro-Orientais (1959-1994). 2015. 310f. Tese (Programa Multidisciplinar

em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

REIS, L. N. dos. O caso dos Souza Castro: itinerários de dois pesquisadores do Centro de Estudos Afro-Orientais na Nigéria (1962-1963). **Outros Tempos**, São Luís, v.8, p.170-188, 2011.

SOUZA DANTAS, R. de. **África difícil**: missão condenada. Rio de Janeiro: Leitura, 1965.

VERGER, P. Cartas de Pierre Verger a Vivaldo da Costa Lima. **Afro-Ásia**, Salvador, n.37, p. 241-288, 2008.

VERGER, P. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII ao XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987.

ARQUIVOS CONSULTADOS

Acervo do Centro de Estudos Afro-Orientais.
Arquivo Histórico do Itamaraty – Brasília.
Fundação Pierre Verger.

Recebido em 10 de outubro de 2017

Aprovado em 4 de fevereiro de 2018

